



Capítulo 1

Sou aluno do último ano do Colégio Cesar Chavez de São Francisco, localizado no ensolarado bairro de Mission, o que me torna uma das pessoas mais vigiadas do mundo. Meu nome é Marcus Yallow, porém, quando esta história começou, eu me chamava w1n5t0n. Se pronuncia é “Winston”.

Não se pronuncia “dáblio-um-ene-cinco-tê-zero-ene”, a não ser que a pessoa seja um inspetor sem noção, daquele tipo que está tão por fora que ainda chama a internet de “a supervia da informação”.

Conheço uma pessoa sem noção assim. Seu nome é Fred Benson, um dos três vice-diretores do Cesar Chavez. Ele é um pé no saco. Mas se é para ter um carcereiro, é melhor um que seja sem noção do que um sujeito que sabe das coisas.

— Marcos Yallow — chamou ele pelo sistema de som numa manhã de sexta-feira. O alto-falante já não é lá muito bom e, combinado com o resmungo característico de Benson, o resultado mais parecia o som de alguém sofrendo para digerir um burrito do que um chamado da direção de um colégio. Mas os seres humanos são bons em perceber seus nomes em meio a sons confusos: trata-se de instinto de sobrevivência.



Peguei a mochila e deixei a tampa do laptop um pouco aberta para não atrapalhar meus downloads. Preparei-me para o inevitável.

— Apresente-se à diretoria imediatamente.

A professora de estudos sociais, Srta. Galvez, revirou os olhos para mim e fez o mesmo para ela. O sistema estava sempre na minha cola só porque passo pelos *firewalls* do colégio como faca na manteiga, engano o programa de reconhecimento de porte e detono os chips que a direção usa para nos localizar. Porém, Galvez é gente boa e não fica brava comigo por causa disso (especialmente quando eu a ajudo com o webmail para entrar em contato com o irmão, que está no Iraque).

Meu amigo Darryl deu um tapinha na minha bunda quando passei por ele. Eu o conheço desde o tempo em que a gente usava fraldas e fugia da creche. Estou sempre livrando e colocando Darryl em enrascadas. Levantei os braços como se fosse um pugilista e saí da aula de estudos sociais para ser tratado como um bandido na diretoria.

O celular tocou quando eu estava no meio do caminho. Esse era outro comportamento errado, pois celulares são *muy* proibidos no Colégio Chavez. Mas por que isso seria um empecilho para mim? Entrei no banheiro e me tranquei na cabine do meio (a última é sempre a mais nojenta, porque a maioria das pessoas vai direto nela para escapar do fedor e do nojo — a escolha certa e a boa higiene estão bem na cabine do meio). Olhei o telefone — o computador de casa mandou um e-mail dizendo que havia uma novidade em Harajuku Fun Madness, que, por acaso, é o melhor jogo jamais inventado.

Sorri. Passar a sexta-feira no colégio era um porre e fiquei contente de arrumar uma desculpa para escapar.



Arrastei-me até o gabinete de Benson e acenei ao entrar.

— Ora, se não é o dáblío-um-ene-cinco-tê-zero-ene — disse ele. Fredrick Benson, número de o seguro social 545-03-2343, nascido em 15 de agosto de 1962, sobrenome de solteira da mãe: Di Bona, natural de Petaluma, é um homem bem mais alto do que eu. Sou um baixinho de 1,72m, enquanto ele tem 2m de altura. Sua época de basquete colegial ficou para trás; o peitoral se transformou em peitinhos caídos que marcam as camisas polo vagabundas que ele usa. Benson sempre parece que vai dar uma enterrada na pessoa e adora aumentar o tom de voz para criar um efeito dramático. Tudo isso perde a graça depois de muito uso.

— Foi mal, mas não conheço esse parente do R2-D2 que você mencionou.

— W1n5t0n — disse ele soletrando de novo. Olhou desconfiado e esperou que eu fraquejasse. Claro que esse era o meu nick há anos. Era a identidade que eu usava quando entrava nos fóruns sobre práticas de pesquisa de segurança. Sabe como é, tipo fugir da escola e desligar o localizador do meu celular. Mas ele não sabia que esse era o meu nick. Apenas um pequeno número de pessoas sabia e eu confiava integralmente nelas.

— Hum, isso não me diz nada. — Eu fiz muita coisa maneira no colégio usando esse nick. Fiquei muito orgulhoso com meu trabalho de criar neutralizadores de chips de localização. Se ele fizesse uma conexão entre as duas identidades, eu estava frito. Ninguém no colégio me chamava de w1n5t0n ou mesmo de Winston. Nem meus amigos. Era Marcus ou nada.

Benson sentou-se atrás da mesa e bateu com o anel nervosamente no mata-borrão. Ele sempre fazia isso quando a situação ficava feia. Jogadores de pôquer chamam isso de





“pista” — tiques que revelam o que se passa na cabeça do outro cara. Eu conhecia as pistas de Benson de trás para frente.

— Marcus, espero que entenda como a situação é séria.

— Vou entender assim que o senhor me explicar o que houve. — Eu sempre chamo as autoridades de “senhor” quando estou sacaneando. É a minha própria pista.

Ele balançou a cabeça e abaixou o olhar. Outra deixa. A qualquer instante, começaria a gritar comigo.

— Ouça, moleque! Já é hora de encarar o fato de que sabemos o que você anda fazendo e não seremos mais tolerantes. Você vai ter muita sorte se não for expulso antes do fim dessa reunião. Você quer se formar?

— Sr. Benson, o senhor ainda não explicou qual é o problema...

Ele bateu com a mão sobre a mesa e apontou para mim.

— O *problema*, Sr. Yallow, é que você se envolveu em uma conspiração criminosa para subverter o sistema de segurança deste colégio e forneceu meios de burlar a segurança aos seus colegas. Você sabe que nós expulsamos Graciella Uriarte na semana passada por uso de um de seus equipamentos.

Uriarte queimou o próprio filme. Ela comprou um bloqueador de rádio em uma loja alternativa perto da estação de metrô da 16th Street e o aparelho acionou a segurança do corredor da escola. A culpa não foi minha, mas fiquei com pena dela.

— E o senhor acha que estou envolvido nisso?

— Temos informações seguras de que você é w1n5t0n. — Benson soletrou novamente e comecei a me perguntar se ele não tinha sacado que 1 era um i e o 5 era um S. — Sabemos que esse tal w1n5t0n é o responsável pelo roubo das provas do ano passado. — Por acaso eu não tive a ver com isso,





mas foi um belo trabalho e considerarei um elogio que o furto tivesse sido atribuído a mim. — E, portanto, é passível de ser condenado a vários anos de prisão, a não ser que você colabore comigo.

— O senhor tem provas seguras? Eu gostaria de vê-las. Ele me encarou com ódio.

— Esse comportamento não vai levar a nada.

— Se existem provas, acho que o senhor deveria chamar a polícia e entregá-las a eles. Parece que a situação é muito séria e eu não gostaria de atrapalhar uma investigação de verdade feita pelas autoridades de direito.

— Você quer que eu chame a polícia.

— E acho que meus pais também. Seria o melhor a fazer.

Nós ficamos nos encarando por cima da mesa. Ele, com certeza, tinha esperado que eu cedesse assim que jogou a bomba na minha mão. Eu não cedo. Tenho um truque para encarar gente como Benson. Olho um pouquinho para a esquerda da cabeça e penso nas letras de antigas canções folclóricas irlandesas, aquelas com trezentos versos. Fico com uma aparência perfeitamente controlada e despreocupada.

E a asa estava no pássaro e o pássaro estava no ovo e o ovo estava no ninho e o ninho estava na folha e a folha estava no graveto e o graveto estava no galho e o galho estava no caule e o caule estava na árvore e a árvore estava no brejo... o brejo do vale-e-ô! Ia-iô, o brejo ao vento, o brejo do vale-e-ô...

— Você pode voltar para a aula agora — disse ele. — Eu lhe chamarei assim que a polícia quiser falar com você.

— O senhor vai chamar a polícia agora?

— Isso é complicado. Eu esperava que fosse possível resolver a situação rapidamente, mas como você insiste...

— Posso esperar enquanto o senhor chama a polícia —





falei. — Não me importo.

Benson bateu com o anel novamente e eu me preparei para o ataque.

— *Vai embora!* Saia da minha sala, seu miserável...

Fui embora mantendo uma expressão neutra. Ele não ia chamar os tiras. Se tivesse provas suficientes para mostrar à polícia, já teria chamado há muito tempo. Benson me odiava. Imaginei que ele tinha ouvido uma fofoca qualquer e então assustar o suficiente para confessar.

Andei alegremente pelo corredor, mantendo minha aparência sob controle para as câmeras de reconhecimento. Elas foram instaladas havia apenas um ano e eu adorava como eram totalmente idiotas. Antigamente, havia câmeras de reconhecimento facial em cada canto do colégio, mas a justiça decretou sua inconstitucionalidade. Então Benson e um bando de outros administradores paranoicos gastaram a nossa verba de educação nessas câmeras idiotas que seriam capazes de captar o jeito de uma pessoa andar. É, tá bom então.

Retornei para a sala de aula e me sentei enquanto srta. Galvez sorria para mim. Tirei da mochila o notebook padrão da escola e me concentrei na aula. O CompuEscola tinha a tecnologia mais espiã de todas. Ele memorizava cada tecla pressionada, verificava todo o tráfego de rede atrás de palavras suspeitas, contava cada clique e registrava cada ideia que a pessoa inseria na rede. Recebemos no primeiro ano e bastaram apenas alguns meses para os notebooks perderem a graça. Assim que as pessoas descobriram que esses laptops “gratuitos” trabalhavam para o sistema, e ainda por cima mostravam uma série de propagandas insuportáveis, passaram a parecer pesados e incômodos demais.

Crackear meu CompuEscola foi fácil. O crack já estava





on-line um mês depois de a máquina ser lançada e era simples — bastava baixar o DVD, gravá-lo, inserir no CompuEscola e religar o notebook apertando algumas teclas ao mesmo tempo. O DVD fez o resto e instalou um bando de programas invisíveis no laptop que permaneceriam escondidos mesmo quando o Conselho de Educação realizava sua inspeção diária nas máquinas. De vez em quando, eu tinha de buscar uma atualização do programa para driblar os testes mais recentes do Conselho, mas era um pequeno sacrifício que valia a pena para ter um pouco de controle sobre a máquina.

Liguei o MSNoia, um comunicador instantâneo secreto que eu usava quando queria manter uma conversa sigilosa em plena aula. Darryl já estava conectado.

> O jogo tá de pé! Tem alguma coisa importante rolando no Harajuku Fun Madness, cara. Tá dentro?

> Nem pensar. Se me pegarem matando aula pela terceira vez, sou expulso. Cara, você sabe disso. Vamos depois do colégio.

> Você tem almoço e depois grupo de estudo, né? São 14 horas. Tempo suficiente para ver essa pista e voltar antes que alguém sinta a nossa falta. Vou chamar a galera toda!

Harajuku Fun Madness é o melhor jogo que já inventaram. Sei que já falei isso antes, mas vale a pena repetir. É um ARG, um jogo de realidade alternativa, e conta a história de uma gangue de adolescentes japoneses que descobriram uma pedra preciosa mágica capaz de curar em um templo em Harajuku. Esse é basicamente o local onde os adolescentes japoneses inventaram todas as maiores subculturas dos últimos dez anos. Eles são caçados por monges do mal, pela Yakuza (a máfia japonesa), por alienígenas, cobradores de impostos, pais e uma inteligência artificial rebelde. Os personagens enviam mensagens em código para os jogadores, que





têm que decodificá-las e usá-las para descobrir mais pistas, o que leva a mais mensagens em código e mais pistas.

Imagine a melhor tarde que alguém pode passar andando à espreita pelas ruas da cidade, observando gente esquisita, panfletos engraçados, os malucos religiosos na esquina e as lojas da moda. Agora, misture uma caça ao tesouro que obriga o jogador a pesquisar filmes antigos, canções e cultura adolescente do mundo inteiro através do tempo e do espaço. É uma competição. A equipe de quatro pessoas que vencer ganha uma viagem de dez dias para Tóquio. Dá para curtir a ponte de Harajuku, deixar rolar a nerdice em Akihabara e levar para casa toda a tralha de Astro Boy que couber na mala. Que, por sinal, se chama “Atom Boy” no Japão.

Isso é Harajuku Fun Madness e, assim que a pessoa resolve um mistério ou dois, jamais volta atrás.

> Não, cara. NÃO. Nem pergunta.

> Preciso de você, D. Você é o melhor. Juro que a gente vai e volta sem ninguém saber. Sabe que eu consigo fazer isso, né?

> Sei.

> Então tá dentro?

> Não, que saco.

> Vamos, Darryl. Quando você morrer, não vai desejar ter passado mais tempo no colégio.

> Nem vou morrer desejando ter jogado mais ARGs.

> É, mas não acha que vai morrer pensando que poderia ter passado mais tempo com a Vanessa Pak?

Van fazia parte do meu time. Ela frequentava uma escola particular para meninas em East Bay, mas eu sabia que mataria aula para participar da missão comigo. Darryl era a fim dela há anos —antes mesmo das dádivas da puberdade. Ele tinha se apaixonado pela mente de Vanessa. Coisa triste.

> Você é um escroto.





> **Você vem?**

Darryl olhou para mim e balançou a cabeça. Então concordou. Eu pisquei para ele e comecei a chamar o resto da equipe.

Nunca fui muito de jogar ARG. Tenho um segredo vergonhoso: eu costumava jogar Larp. Larp é RPG ao vivo e é exatamente o que parece: andar por aí fantasiado, falar com um sotaque esquisito e fingir ser um superespião, um vampiro ou um cavaleiro medieval. É como jogar uma partida de pique-bandeira vestido de monstro, com uma pitada de teatrinho da escola. Os melhores jogos ocorrem em acampamentos de escoteiros fora da cidade em Sonoma ou na Península. Aqueles épicos três dias de duração podiam ser bem complicados. Havia caminhadas que duravam o dia inteiro, batalhas épicas com espadas de espuma e bambu, lançamento de feitiços atirando saquinhos de feijão e gritando “bola de fogo!” e por aí vai. Diversão das boas, mesmo que levemente ridícula. Não era tão nerd quanto falar o que seu elfo pretendia fazer em uma mesa coberta de copos de Coca miniaturas pintadas e Diet, e menos sedentário do que entrar em coma jogando um MMORPG em casa.

O que arrumou confusão para o meu lado foram os joguinhos nos hotéis. Sempre que rolava uma convenção de ficção científica, algum jogador de Larp convencia a organização a nos deixar jogar por umas seis horinhas no evento, pegando carona no aluguel do espaço. A convenção ganhava um colorido diferente, com um bando de garotos fantasiados correndo de um lado para o outro, e nós nos divertíamos cercados de pessoas ainda mais estranhas do que a gente.

O problema com hotéis é que eles também recebem muitas pessoas que não jogam — e não apenas os fãs de ficção cien-





tífica. Pessoas normais. De comportamentos conservadores. Nos feriados.

E às vezes essas pessoas interpretam mal o espírito de um jogo.

Não se fala mais no assunto, OK?

A aula acabava em dez minutos, o que não deixava muito tempo para me preparar. O primeiro passo era cuidar daquelas câmeras pentelhas de reconhecimento de porte. Como eu disse, elas começaram com reconhecimento facial, mas foram consideradas inconstitucionais. Até onde eu sei, nenhum tribunal determinou ainda se esses modelos de reconhecimento de porte são legais, mas, até lá, temos de aturá-las.

“Porte” é uma palavra esnobe para o jeito de andar. As pessoas são boas em identificar o jeito de andar das outras — da próxima vez que você for acampar, verifique o balanço da luz da lanterna de um amigo que se aproxima. Com certeza, será possível identificá-lo apenas pelo movimento da luz. O modo característico como ela balança indica para nosso cérebro de primata que é uma pessoa se aproximando.

Os programas de reconhecimento de porte tiram fotos da pessoa em movimento, isolam a silhueta e comparam com uma base de dados para verificar se sabem quem é. Funcionam como identificadores biométricos tipo leitores de impressões digitais ou retinas, mas geram mais “colisões” do que esses modelos. Uma “colisão” biométrica é quando uma leitura confunde a pessoa com outras. A impressão digital é individual, mas alguém pode ter o mesmo jeito de andar de outras pessoas.

Não exatamente, é claro. O jeito de andar de cada um, centímetro por centímetro, é completamente individual. O problema é que o porte individual muda de acordo com o





cansaço, o material do piso, se alguém deu um mau jeito no tornozelo ao jogar basquete ou se trocou de sapatos recentemente. Então, o sistema se confunde um pouco com os perfis e procura pessoas que andam de modo parecido.

Existe muita gente com andar similar. Para piorar a situação, é fácil andar como outra pessoa — basta tirar um sapato. Claro que, eventualmente, as câmeras vão sacar que alguém tirou o sapato porque o jeito de andar é o mesmo, só que com apenas um ré calçado. Por isso, prefiro um tipo de ataque mais aleatório ao reconhecimento de porte: eu coloco um pouco de brita dentro de cada tênis. É barato e eficiente. Nenhum passo sai igual ao outro. Além disso, dá para ganhar uma bela massagem nos pés segundo os preceitos da reflexologia. (É brincadeira. A reflexologia é uma ciência tão útil quanto o reconhecimento de porte.)

As câmeras costumavam disparar uma espécie de alarme toda vez que um desconhecido colocava os pés no campus.

Isso definitivamente não funcionava.

O alarme disparava a cada dez minutos. Quando o carteiro passava. Quando um responsável vinha visitar. Quando os zeladores entravam para consertar a quadra de basquete. Quando um aluno estreava tênis novos.

Então, agora o sistema apenas registra onde e quando os alunos estão. Se alguém sai pelo portão durante a aula, as câmeras verificam o porte e, se reconhecerem, soam o alarme!

O Colégio Chavez é cercado por alamedas de brita. Eu mantenho um punhado de cascalhos na mochila só para garantir. Passei silenciosamente dez ou 15 pedrinhas para Darryl e colocamos nos tênis.

A aula estava prestes a terminar — e eu me dei conta de que ainda não visitara o site do Harajuku Fun Madness para saber onde estava a próxima pista! Fiquei ligado demais na



fuga e não me toquei que devia saber para *onde* a gente iria fugir.

Liguei o CompuEscola e comecei a teclar. A gente usava o navegador que vinha com a máquina. Era uma versão cheia de softwares espões do Internet Explorer, aquela merda da Microsoft que só fazia travar e que ninguém com menos de 40 anos usava por vontade própria.

Eu tinha uma cópia do Firefox no drive de USB escondido no relógio, mas não era o suficiente: o CompuEscola rodava o Windows VistaEscola, um antigo sistema operacional feito para dar aos diretores a ilusão de que eles controlavam os programas que os alunos deveriam usar.

Mas o VistaEscola era o seu próprio inimigo. Há vários programas que ele não deixa desligar — softwares de censura e registro de teclado — e que rodam de maneira invisível para o sistema. Não dá para desligá-los porque não dá para ver que eles estão lá.

Qualquer programa cujo nome comece com \$SYSS\$ é invisível para o sistema operacional. Ele não é listado dentro do disco rígido, nem pelo gerenciador de tarefas. Então a minha cópia do Firefox era chamada de \$SYSS\$Firefox. Assim que eu abri, o navegador ficou invisível para o Windows e para os softwares espões da rede.

Agora que eu possuía um navegador alternativo rodando, era preciso arrumar uma conexão alternativa. A rede do colégio registrava cada entrada e saída do sistema, o que era uma péssima notícia se alguém queria navegar pelo site do Harajuku Fun Madness e ter alguma diversão extracurricular.

A resposta para essa situação é uma coisa engenhosa chamada TOR — sigla para The Onion Router, o roteador cebola. É um site que recebe solicitações de páginas na in-



ternet e repassa para uma série de outros roteadores do tipo cebolas, até que um deles finalmente aceita a solicitação e devolve pelas camadas da cebola até o site chegar ao usuário. O tráfego pelos roteadores do tipo cebola é criptografado, o que significa que o colégio não consegue ver o que está sendo acessado, e as camadas da cebola não sabem para quem estão trabalhando. Há milhões de nós na internet — o programa foi desenvolvido pelo Gabinete de Pesquisa da Marinha dos EUA para driblar o software de censura em países como Síria e China, o que quer dizer que é perfeito para operar dentro dos limites de um típico colégio americano.

O TOR funciona porque a escola tem uma lista negra limitada de endereços proibidos, enquanto os endereços dos pontos de conexão mudam o tempo todo — não há como a direção manter um registro de todos eles. Juntos, o Firefox e o TOR me tornavam um homem invisível, imune à espionagem do Conselho de Educação, livre para acessar o site do Harajuku FM e ver o que estava rolando.

Lá estava ela, a nova pista. Como todas as pistas de Harajuku Fun Madness, essa tinha um componente físico, on-line e mental. O on-line era um quebra-cabeça cuja solução dependia de pesquisar respostas para um bando de perguntas obscuras. Essas aqui envolviam as tramas dos *dojinshi* — gibis desenhados por fãs de mangás. Eles podem ser tão ambiciosos quanto os quadrinhos oficiais, porém são mais estranhos, com tramas que misturam outros gibis e algumas canções e cenas de ação muito bobas. Muitas histórias de amor, é claro. Todo mundo adora ver romance entre seus personagens favoritos.

Vou ter resolver essas charadas mais tarde, quando chegar em casa. Eram mais fáceis de solucionar com a equipe inteira baixando vários arquivos de *dojinshi* e procurando pelas





respostas.

O sinal tocou quando acabei de recolher todas as pistas e nós demos início à fuga. Coloquei discretamente a brita dentro das minhas botas australianas da Blundstone. Elas são ótimas para correr e escalar, e sendo um modelo sem cadarço é fácil de colocar e tirar, além de ser muito conveniente com tantos detectores de metal que estão em todos os lugares hoje em dia.

Claro que a gente tinha que escapar da segurança física também, mas isso ficava cada vez mais fácil sempre que a escola implementava uma nova barreira de espionagem — toda essa parafernália dava uma falsa sensação de segurança aos professores. Passamos pela galera nos corredores e fomos em direção à minha saída lateral favorita. Estávamos no meio do caminho quando Darryl resmungou:

— Droga! Esqueci que estou com um livro da biblioteca na mochila.

— Tá de brincadeira comigo — falei e puxei Darryl para o primeiro banheiro que passamos. Os livros da biblioteca são uma encrenca. Todos têm um transponder, um selo de identificação por radiofrequência preso na lombada que os bibliotecários passam sobre um leitor para registrar os livros. O transponder informa quais títulos estão fora do lugar nas prateleiras.

Mas o aparelho também permite que a escola saiba onde o aluno está a qualquer momento. Era mais uma daquela brecha na lei: o tribunal não permitia que o colégio seguisse nossos passos, mas ele podia localizar os *livros da biblioteca* e usar os registros para saber quem estava com cada um dos títulos.

Eu tinha uma carteira blindada na mochila, feita com uma trama de fios de cobre que bloqueavam sinais de rádio e





silenciavam transponders. Mas ela era feita para neutralizar carteiras de identidade e transponders convencionais, não livros como...

— *Introdução à Física?* — Soltei um gemido. O livro era do tamanho de um dicionário.

